

*Cyrano de Bergerac, o cavaleiro do Perigord. A inscrição diz: «Esta é a enérgica face do favorito de Palas; ele era valente em combate e um cientista em sua mesa de trabalho.»*

*Das trevas dos tempos, a versão da vida real do herói romântico de Rostand o faz aparecer como um dos grandes pensadores do século XVII: poeta, dramaturgo, filósofo, profeta visionário da era espacial*



## CYRANO DE BERGERAC:

O Mais Famoso  
Desconhecido  
do Mundo

GÉRARD DE SÈDE



*Cyrano de Bergerac, como protagonista da peça de Edmond Rostand*

**D**EPOIS de uma noite na Comédie Française, assistindo a *Cyrano de Bergerac*, os frequentadores de teatro costumam atravessar a Rue des Provençaises, para saborearem uma tradicional sopa de cebolas. Poucos suspeitam que estão caminhando pelos sítios familiares do herói do drama que acabaram de apreciar.

Representada pela primeira vez em 1897, a peça de Rostand tem desde então batido todos os recordes (já foi apresentada cerca de 14.000 vezes só na França). De Nova York a Tóquio, de Buenos Aires a Moscou, a famosa cena do nariz tem sido apreciada em todas as línguas imagináveis. Adaptada à revista musicada e duas vezes produzida em filme, *Cyrano de Bergerac* foi objeto também de 14 paródias. Mas para milhões que riram das graças de Cyrano, se emocionaram com seus duelos e sofreram ao vê-lo rejeitado, o herói é um personagem criado por Rostand, não existiu. Mas a verdade é que Cyrano existiu... e tinha dupla personalidade.

A primeira, a imortalizada por Rostand: o narigudo, o espirituoso irreprimível, soldado corajoso, amante poético. A outra, a do verdadeiro Cyrano, era a de um dos pensadores mais ousados do século XVII, ao mesmo tempo escritor, filósofo e profeta. Era amigo de Molière, um visionário que concebeu o fonógrafo 200 anos antes de Edison e escreveu ficção científica muito antes de Júlio Verne.

Poucos têm tido uma vida tão

cheia quanto a dele. De origem modesta (seu avô começou a vida como peixeiro em Paris), ele não era nobre nem natural da Gasconha, nem tampouco seu nome era Bergerac. Savinien de Cyrano foi batizado em Paris, a 6 de março de 1619. O quarto de uma família de seis, foi a princípio morar perto de Le Mans, em casa de um pároco. Mais tarde, o pai, que era advogado, enviou-o ao Collège de Beauvais, no Quartier Latin, em Paris. Estudante brilhante, era dado a discutir, e, por isso, conheceu bem a palmatória.

Mais tarde, Cyrano vingou-se fazendo uma caricatura feroz do seu antigo mestre na sua comédia *Le Pédant Joué* \*.

Quando terminou a escola, Cyrano fez amizade com uma turma alegre de poetas boêmios. Vivendo bem com o dinheiro do pai, ele juntou «de Bergerac» ao seu nome e fazia-se passar por um nobre gascão. Bergerac era o nome dado a uma pequena propriedade, perto do povoado de Mauvières, que pertencerá a conhecida família desse nome e que o pai de Cyrano herdara.

Não é de surpreender que Rostand acreditasse no mito do «nobre gascão», pois os próprios contemporâneos de Cyrano não duvidaram disso. Num retrato de Cyrano com uns 20 anos, ele posa orgulho-

---

\* A cena do pirata turco dessa peça foi «adaptada» por Molière em *Les Fourberies de Scapin*, até na frase famosa conhecida por todo o aluno de escola: «*Que diable allait-il faire dans cette galère?*»

samente em traje clássico, completo com coroa de louros. Sob a pintura está escrito «Cyrano de Bergerac, autor e poeta francês, nascido na Gasconha». Cyrano representou esse papel tão bem que, quando se cansou da vida boêmia, não teve dificuldade em engajar-se, junto com Henri Le Bret, seu amigo de toda a vida, na Companhia de Guardas, composta pela elite dos nobres da Gasconha e comandada, como na peça de Rostand, por Monsieur de Carbon de Castel-Jaloux, um autêntico nobre gascão.

Cyrano tornar-se-ia agora de fato o soldado e duelista sem par que Rostand imortalizou. De acordo com Le Bret, os duelos que Cyrano travou o fizeram tão famoso «que os gascões achavam que algum demônio de coragem devia morar dentro dele». Entretanto, Le Bret continuava: «Eu já o vi montando guarda e trabalhando numa elegia tão imperturbável como se estivesse no silêncio de um gabinete.» Legendário também é o «duelo» na Porte de Nesle, onde Cyrano salvou seu amigo Lignières, conhecido escritor satírico, cujo espírito havia insultado um nobre poderoso, de uma emboscada de 100 assassinos mercenários. Cyrano derrotou-os sozinho, matando dois, ferindo sete e pondo o resto em fuga.

Esse foi o período da Guerra dos Trinta Anos, durante a qual o Rei Luís XIII e o Cardeal de Richelieu procuraram acabar com a hegemonia austro-espanhola na Europa. Em 1639, a companhia de Cyrano foi

enviada contra os alemães, e em Mouzon, nas Ardenas, ele foi gravemente ferido. Contudo, no ano seguinte, estava combatendo outra vez, agora contra os espanhóis que ocupavam Arras, e, em combate corpo a corpo, foi ferido no pescoço. Tudo isso trouxe ao neto do peixeiro, que acabava de fazer 21 anos, homenagens dos oficiais da sua companhia e também de algumas das mais altas figuras militares da França.

Então, farto de lutar, Cyrano decidiu dar baixa do exército e voltar a Paris. Ali, ele foi residir no Collège de Lisieux, onde se encontravam alguns dos melhores professores da época. Assistiu também a aulas particulares dadas pelo filósofo e astrônomo Pierre Gassendi e, mais tarde, pelo físico Jacques Rohault.

Pouco se sabe dos amores de Cyrano. A Roxane de Rostand pode ter sido a Mademoiselle de Saint-Denis de Cyrano, a quem escreveu numerosas cartas de amor. Ela enviou-lhe certa vez um bracelete feito com um anel de cabelos, mas ele supôs que se tratava de alguma brincadeira. Ele comentou impacientemente: «Vejo apenas metade de você, pois eu amo-a demais e você pensa que vê muito de mim porque me ama apenas pela metade.» E mais tarde escreveu: «A lembrança que tenho de você devia inspirar mais piedade que alegria. Pode imaginar um fogo feito de gelo sem chama, um fogo que queima com a sua própria ansiedade, cuja

tristeza o faz saltar de alegria e que teme a cura dos seus males tanto quanto a própria morte?» A última carta sugere uma separação: «Sua crueldade abalou-me mais em uma hora do que dez anos de seu amor.»

Em sua peça, Rostand combinou as decepções amorosas de Cyrano com uma aventura curiosa que o próprio autor tivera. Um amigo jovem havia se queixado a Rostand de que a moça que estava cortejando parecia indiferente.

— Não importa o que eu diga, ela não ouve.

— Mas que diz você? — perguntou Rostand.

— Que eu a amo.

— E depois disso?

— Digo outra vez a mesma coisa.

— E depois?

— Só isso.

— Quando ela estiver apaixonada por você — aconselhou Rostand — isso será o suficiente. Mas, até lá, precisa de mais alguma coisa: palavras, sentenças, comentários espirituosos.

Ele começou a ensinar ao moço. Mais tarde, a jovem confiou a Rostand: «No começo, pensei que ele fosse inteiramente desinteressante, mas estava errada. É um pensador notável e um verdadeiro poeta.» Assim nasceu a cena que representa Cyrano ensinando Christian de Neuvillette a conquistar Roxane.

Dá que pensar por que teria Rostand procurado explicar o comportamento tímido de Cyrano por sua falta de beleza física. Uma

gravura representando Cyrano, agora na Bibliothèque Nationale, mostra-o com um nariz indiscutivelmente mal feito, mas com uma expressão atraente, ao mesmo tempo vivaz e inteligente. A resposta talvez esteja num amigo com quem o jovem Rostand frequentemente conversava sobre Cyrano e seus trabalhos. Era um professor culto, mas tinha um nariz comprido que lhe dera o apelido de *Pif-Luisant*. «Sua alma», diz Rostand, «tinha toda a beleza que faltava ao seu rosto.» Na imaginação do poeta, evidentemente, Pif-Luisant e Cyrano tornaram-se a mesma pessoa.

Para satisfazer a sua fome de conhecimentos, Cyrano fez numerosas viagens ao Sul da França, Itália, Inglaterra e Polônia. Em 1648 reapareceu em Paris no papel de polemista. O Cardeal Mazarino, ministro poderoso da Rainha Regente da Áustria, caíra no desagrado popular. Fora acusado, principalmente, de dissipar fundos públicos, e os seus inimigos andaram distribuindo fartamente contra ele panfletos conhecidos como *mazarinades*. Cyrano causticou-o num poema especialmente violento:

*Homem suspeito, tortuoso, astuto,  
Que forra o bolso e deixa a França pagar,  
Que de noite e de manhã todos os dias  
Mergulha fundo no tesouro.*

Depois, indiferente a qualquer risco, assinou o verso com as suas iniciais.

Esse plebeu que se fazia passar

por nobre tornava-se agora um campeão ardente da democracia. Dava mais valor à independência pessoal que ao dinheiro. Num tempo em que nenhum escritor podia viver sem um protetor, ele recusou uma oferta de proteção feita pelo influente Marechal Gassion. Quando tinha quase 30 anos, molestado pelos credores, foi forçado a alugar um quarto numa água-furtada. Ali, raramente tendo o suficiente para comer, Cyrano trabalhava febrilmente. Foi então que escreveu *La Mort d'Agrippine*. Essa peça, considerada escandalosa na época, é um estudo da tirania e da sua influência corrutora sobre aqueles que a exercem e foi apresentada com sucesso, em 1960, no Studio des Champs Elysées, em Paris.

As duas principais obras de Cyrano, *Os Estados e Impérios da Lua* e *Os Estados e Impérios do Sol*, são o que hoje chamamos ficção científica. Relatando as suas viagens à Lua e ao Sol, ele começa por explicar por que o cosmos é um objeto de exploração bem acessível ao homem. Sustenta ousadamente que a Terra gira em torno do Sol. (Apenas 15 anos antes, Galileu fora perseguido por defender exatamente tal idéia). E, dois séculos antes de Júlio Verne, Cyrano prevê que o homem um dia visitará a Lua. Para fazer a viagem, concebe uma cabina espacial impulsionada por foguetes suficientemente fortes para levar a nave ao campo magnético da Lua!

Cyrano teve muitas outras idéias

brilhantes e originais. Sugeriu o princípio da conservação da energia antes do físico francês Carnot, no século XIX, e antecipou a teoria da evolução de Darwin. No campo da Medicina, sustentava teorias novas e frequentemente controvertidas relativas à estrutura celular dos tecidos; escreveu, por exemplo: «Nossa carne e nosso sangue são feitos unicamente de pequenos animais.» E sobre anticorpos: «Certo bálsamo natural encontrado em nossos corpos contém todas as qualidades opostas a cada doença que nos ataca.»

Compreendendo que as suas idéias eram revolucionárias, Cyrano atribuía-as aos habitantes de outros planetas. Por exemplo, atribui a um povo imaginário, os «Selenitas», a invenção do fonógrafo, fazendo dele uma descrição brilhante, dois séculos antes de Edison: «Dentro encontrei um sistema de molas minúsculas e o que parecia ser um mecanismo de relógio; é um livro sem letras nem páginas, que torna supérfluos os olhos — só se precisa dos ouvidos. Quando alguém deseja ler, dá corda na máquina e coloca uma agulha no capítulo que quer ouvir. Então, como da boca de um homem ou de um instrumento musical, ouvem-se todos os sons diferentes e destacados que fazem a expressão da linguagem.»

Cyrano, agora com 33 anos, com a saúde ameaçada e totalmente empobrecido, procurou finalmente um protetor que publicasse os seus trabalhos em troca de uma dedica-

ção eloquente. O Duque de Arpajon ofereceu a Cyrano a sua proteção e hospitalidade. O papel de cortesão, entretanto, era tão estranho à natureza de Cyrano que logo o seu protetor se aborreceu e expulsou-o de casa.

Cyrano estava de cama na ocasião, vítima de um acidente curioso. Uma viga do teto caíra-lhe na cabeça. Dramatizando a cena, Rostand faz Cyrano dizer: «Monsieur de Bergerac morre assassinado.» Até ao dia de hoje não ficou claro se foi ou não um acidente. A 28 de julho, com 36 anos, Cyrano morria, tratado por sua tia Catherine, uma freira, assim como por seu fiel amigo Le Bret, que iria tornar-se padre. Seu suposto túmulo, no Convento das Filhas

da Cruz, perto de Paris, foi destruído durante a Revolução.

Se agora temos a maior parte dos trabalhos de Cyrano em sua forma original, é por acaso. Um dia, em 1838, um erudito chamado Monmerqué, bisbilhotando nas livrarias perto de Saint-Sulpice, descobriu diversos manuscritos perdidos. Eles estão agora na Biblioteca Nacional da França.

Por mais de dois séculos, Cyrano permaneceu um gênio esquecido. Entretanto, quando celebrado como o herói da peça de Edmond Rostand, adquiriu uma aparência e personalidade que não são as suas, tornando-se assim, por uma dupla ironia do destino, o desconhecido mais famoso do mundo.



QUANDO conheceu Albert Einstein, Charlie Chaplin pediu ao cientista que falasse sobre a sua teoria da relatividade. Einstein deu a entender que não seria apropriado explicá-la naquele momento. «Seria o mesmo que pedir-lhe que representasse alguma coisa para mim neste instante», disse-lhe ele. «Você provavelmente não poderia fazê-lo.»

Durante toda a hora seguinte, porém, Chaplin ficou expondo teorias matemáticas em termos místicos, até deixar o confuso Einstein inteiramente exausto. Na manhã seguinte, um mensageiro entregou a Einstein um retrato de Chaplin, com a dedicatória: «A um grande matemático. Espero que tenha apreciado a minha representação.» — Leonard Lyons



### *Semântica Trabalhista*

UM CANDIDATO a emprego citou em um formulário esta razão para deixar um emprego anterior: «Cessação das atividades.» O entrevistador achou o fato estranho, pois a firma em questão é sólida e próspera. «Que quer você dizer com 'cessação das atividades'?» ele perguntou.

«Cessei as minhas atividades porque contrataram outra pessoa para fazer o meu trabalho.» — G. D.